

CÂMBIO FAVORÁVEL MANTÉM SUCESSO APARENTE DE EXPORTAÇÕES FLORESTAIS, MAS A ECONOMIA PRECISA DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS

A conjuntura econômica do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) de março de 2016 acompanha as evoluções dos negócios florestais em meio ao caos político e à crise econômica que o Brasil enfrenta. A medida que se avança os fatos políticos, e a crise se torna mais evidente e agravada, parece que o setor produtivo e investidores aguardam ansiosamente o fechamento desse capítulo político para que nossos governantes possam atacar a crise econômica de forma mais enfática e objetiva. O Brasil experimenta um estágio de latência e pausa. As inquietações políticas que sucederam o período do carnaval continuam mantendo a sensação de que, em termos econômicos e produtivos, o ano de 2016 ainda está por iniciar. A demora do governo em atacar veementemente a crise impede a sinalização ao mercado dos esforços necessários para superá-la. Enquanto tudo isso não acontece, o câmbio favorável para alguns segmentos florestais exportadores é o que está sustentando os negócios.

Segmento de Celulose e Papel

O segmento nacional de celulose e papel apresentou bom desempenho em fevereiro de 2016, em termos de importação e exportação, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

As exportações nacionais de celulose e papel foram de 1,3 milhões de toneladas e 316 mil toneladas, respectivamente, em fevereiro de 2016, representando um acréscimo de 45,5% e 71,1% na quantidade exportada de celulose e papel, respectivamente, em relação a fevereiro de 2015. Em termos de valor, o Brasil exportou, em fevereiro de 2016, US\$575,3 milhões de celulose e US\$5,7 milhões de papel, crescimento de 39,8% nas exportações de celulose e 62% nas exportações de papel, em relação a fevereiro de 2015 (MDIC, 2016).

As importações brasileiras de celulose, em fevereiro de 2016, foram de 34,5 milhões de toneladas e US\$24,5 milhões. Em relação a fevereiro de 2015, houve um aumento de 2,9% na quantidade importada e uma redução de 6,2% em termos de valor importado (MDIC, 2016).

A quantidade importada de papel pelo Brasil em fevereiro de 2016 foi de 3,7 milhões de toneladas e US\$20,8 milhões, o que representou uma redução de 41,1% e 44%, em termos de quantidade e valor, respectivamente, em relação a fevereiro de 2015 (MDIC, 2016).

Apesar do baixo crescimento da economia brasileira e da crise política pela qual passa o país, a forte desvalorização do real frente ao dólar tem trazido um alento para as empresas brasileiras do segmento de celulose e papel, que começam a visualizar aumento na rentabilidade e novas oportunidades de mercado, uma vez que a maior parte da produção nacional é exportada.

Com relação aos preços do papel no país, a Suzano Papel e Celulose aumentou em 24% os preços das linhas de *cut size*, *off set*, *couché* e cartão, desde o início de fevereiro deste ano, sendo seguida por toda a indústria, conforme o presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf Nacional), Levi Ceregato.

Esse aumento de preços trará impactos significativos a todos os segmentos usuários do papel, pois pode agravar as dificuldades enfrentadas pelos distribuidores e importadores independentes. A Associação Nacional dos Distribuidores de Papéis (ANDIPA) tem alertado que este aumento de preço vai comprometer a competitividade das empresas menores da indústria gráfica e editorial do país.

Segmento de Madeira Processada

Neste mês de fevereiro de 2016, as exportações de madeira e derivados foram de US\$177,6 milhões, representando um aumento de 17,2% em relação ao mês anterior. Já as importações de fevereiro de 2016 foram de US\$6,4 milhões, representando uma queda de 37,8% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial de fevereiro de 2016 teve um aumento de 21,2% em relação ao mês anterior, alcançando US\$171,3 milhões. No acumulado do ano de 2016, de janeiro a fevereiro, as exportações totalizaram US\$329,3 milhões, apresentando uma redução de 3,7%, quando comparado ao mesmo período do ano passado, indicando uma retração nas atividades do setor. As importações de janeiro a fevereiro de 2016 totalizaram US\$16,6 milhões e foram 19,7% menores em relação ao mesmo período de 2015. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2016 é de US\$321,7 milhões, 2,7% menor que igual período do ano passado. Portanto, o segmento de madeira processada inicia o ano com comportamento semelhante ao apresentado em 2015, porém com números mais modestos (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a fevereiro de 2015 e 2016, em US\$1.000

| Mês | 2016 | | | 2015 | | | Variação % entre os anos | | |
|-------------------------------------|----------------|---------------|----------------|----------------|---------------|----------------|--------------------------|-------------------------|-------------|
| | Exp | Imp | Saldo | Exp | Imp | Saldo | Exp | Imp | Saldo |
| Jan. | 151.606 | 10.225 | 141.381 | 161.095 | 11.579 | 149.516 | -5,9 | -11,7 | -5,4 |
| Fev. | 177.655 | 6.362 | 171.293 | 180.993 | 9.079 | 171.914 | -1,8 | -29,9 | -0,4 |
| Acumulado | 329.261 | 16.587 | 312.674 | 342.088 | 20.658 | 321.430 | -3,7 | - 19,7 | -2,7 |
| Variação % entre Fev. e Jan. | 17,18 | -37,78 | 21,16 | 12,35 | -21,59 | 14,98 | | | |

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

No início de março deste ano, foi realizado o encontro *Wood Trade Brazil*, em Curitiba (PR), onde debateu-se os desafios e as oportunidades para os produtos de madeira no mercado internacional. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), José Carlos Januário, a retomada da construção civil nos Estados Unidos pode refletir de maneira positiva para os produtores de madeira brasileiros. A estimativa é de que haja um aumento de 12% no volume total de novas construções nos Estados Unidos e um incremento de 8% nas vendas de materiais de construção para reformas e remodelação de residências. Porém o compensado de pinus brasileiro, principal produto exportado para esse destino, é tributado em 8% sobre o valor FOB, comprometendo a competitividade dos fabricantes nacionais. “A Abimci está atuando para tentar reverter esse cenário, mas, por enquanto, sem sucesso. Temos esse desafio a ser superado”, afirmou Januário (ABIMCI, 2016).

Outro importante destino para os exportadores brasileiros de madeira que mereceu destaque durante o encontro é a Europa. De acordo com o coordenador do Comitê de Laminados e Compensados de Pinus da Abimci, Fabiano Sangalli, hoje o Brasil tem uma dependência menor desse mercado, pois conseguiu entrar em outros destinos como México, países da África e Arábia Saudita. Ainda assim, este é um dos principais destinos internacionais de produtos como o compensado de pinus (ABIMCI, 2016).

Já o coordenador do Comitê de Madeira Serrada da Abimci, Fernando Gnoatto, apresentou os bons resultados obtidos no mercado no ano passado pelos fabricantes de madeira serrada. Apesar do Brasil não figurar entre os principais exportadores deste produto, perdendo para Canadá, Suécia, Finlândia e Chile, o setor registrou um aumento de 31,5% do volume físico embarcado quando comparados os anos de 2015 e 2014. Para Gnoatto, as oportunidades para esse segmento passam pela revisão de custos internos e busca por novos mercados (ABIMCI, 2016).

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

O segmento de produtos florestais não madeireiros (PFNMs) vem se destacando em discussões de representantes do setor rural brasileiro. Recentemente, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com o Centro de Inteligência em Mercados da Universidade Federal de Lavras (CIM/UFLA), na busca por medidas que desenvolvam este segmento, está realizando um estudo sobre o mercado dos PFMNs abordando suas principais reivindicações. Tal iniciativa tem a finalidade de formular propostas para inserir as demandas de seringueira (borracha natural), pinus (resina) e acácia negra (tanino) no Plano Nacional de Desenvolvimento de Florestas Plantadas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (CNA, 2016).

Esse levantamento se dará através de questionários enviados às principais instituições ligadas à produção silvicultural não madeireira, a exemplo da borracha natural, resina, tanino e látex (CNA, 2016). No entanto, observa-se que há outros PFMNs que contribuem mais na balança comercial brasileira, como os selecionados abaixo, e que podem vir tanto de florestas plantadas, como de nativas.

Analisando mensalmente as exportações de alguns PFMNs (ceras vegetais, mate, castanha de caju, castanha do brasil, taninos e a borracha natural), em fevereiro de 2016, o somatório das exportações (US\$27,7 milhões) destes produtos esteve 62% acima do valor total que foi importado (US\$17,1 milhões). Assim, a balança comercial deste mês registrou o saldo de US\$10,6 milhões.

As exportações de ceras vegetais, mate, castanha do brasil, taninos e borracha natural, no segundo mês deste ano, aumentaram em comparação a janeiro de 2016, com exceção somente para castanha de caju que apresentou redução. Em comparação com fevereiro do ano passado, os valores de exportação (com exceção das ceras vegetais e castanha do brasil) e importação apresentaram resultados que apontaram para uma maior exportação em detrimento de redução nas importações (Quadro 2).

De janeiro a fevereiro deste ano, foram acumulados US\$51,3 milhões (14 mil toneladas) de exportação dos produtos florestais não madeireiros selecionados. Por sua vez, as importações acumularam US\$35,8 milhões (27,4 mil toneladas).

Em relação a janeiro deste ano, o mês de fevereiro de 2016 apresentou aumentos de valor exportado para a borracha natural, mate, ceras vegetais, taninos e castanha do brasil da ordem de 1.983,2%, 68,5%, 21,9%, 7,2% e 4,7%, respectivamente (Quadro 2).

Quadro 2 – Exportações e importações brasileiras dos PFMN's selecionados, de janeiro a fevereiro de 2015 e 2016, em 1.000 US\$ FOB

| Produto não madeireiro | Meses | Exportação | | | Importação | | |
|------------------------|-----------|------------|--------|--------------------|------------|--------|--------------------|
| | | 2016 | 2015 | Variação 2015-2014 | 2016 | 2015 | Variação 2015-2014 |
| Ceras vegetais | Jan. | 7.018 | 10.099 | -31% | 47 | 4 | 1114% |
| | Fev. | 8.554 | 12.237 | -30% | 36 | 149 | -76% |
| | Jan.-Fev. | 15.572 | 22.336 | -30% | 82 | 153 | -46% |
| Mate | Jan. | 4.300 | 7.612 | -44% | 0,03 | 61 | -100% |
| | Fev. | 7.248 | 6.659 | 9% | - | - | - |
| | Jan.-Fev. | 11.548 | 14.271 | -19% | 0,03 | 61 | -100% |
| Castanha de caju | Jan. | 10.129 | 8.007 | 27% | 357 | 0 | - |
| | Fev. | 9.492 | 7.716 | 23% | 133 | 142 | -7% |
| | Jan.-Fev. | 19.620 | 15.723 | 25% | 490 | 142 | 245% |
| Castanha do Brasil | Jan. | 1.711 | 1.496 | 14% | - | 0 | - |
| | Fev. | 1.791 | 1.987 | -10% | - | 157 | - |
| | Jan.-Fev. | 3.503 | 3.482 | 1% | - | 157 | -100% |
| Taninos | Jan. | 441 | 234 | 88% | 195,5 | 324 | -40% |
| | Fev. | 473 | 265 | 78% | 263,22 | 592 | -56% |
| | Jan.-Fev. | 914 | 499 | 83% | 459 | 916 | -50% |
| Borracha Natural | Jan. | 8 | 2 | 423% | 18.150 | 23.706 | -23% |
| | Fev. | 167 | 26 | 548% | 16.679 | 25.860 | -36% |
| | Jan.-Fev. | 175 | 27 | 541% | 34.829 | 49.566 | -30% |

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

O valor das importações dos PFMN's selecionados, em fevereiro de 2016, com exceção dos taninos, apresentou quedas em relação ao mês anterior. Não foram importados mate e castanha do brasil, sendo que este último produto esta ausente da pauta de importação desde junho de 2015 (Quadro 2). No caso da castanha de caju,

as ceras vegetais e borracha natural as importações reduziram-se em 62,9%, 23,8% e a 8,1%, respectivamente.

Embora, neste ano, o valor das importações de borracha natural continue superando as exportações, se compararmos com os valores importados no início do ano de 2015 (jan. e fev.), os dois primeiros meses de 2016 apresentaram resultados bem inferiores (Quadro 2).

Um aspecto positivo da produção de borracha natural é a geração de emprego. Mais de 25 mil famílias vivem deste produto, em mais de 40 mil hectares de área plantada. A heveicultura emprega uma pessoa por quatro hectares, gerando 80 mil postos de trabalho no país. Desse modo, estratégias vêm sendo desenvolvidas pela CNA, juntamente com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), buscando aumentar a competitividade da heveicultura nacional (CNA, 2016).

Segmento Moveleiro

O segmento de móveis mantém desempenho negativo, neste início de ano, com queda na produção, nas vendas no varejo e nas exportações. Segundo IBGE, em janeiro, a produção de móveis foi um dos setores que contribuiu (-0,24%) para a queda do índice da produção industrial geral (-13,8%). Com a economia em recessão, a inflação em alta e a grave crise político-econômica interna, o resultado obtido pelo segmento não poderia ser diferente.

Nesse segundo mês de 2016, o mercado externo para o segmento de móveis não conseguiu ser nem totalmente ruim, nem totalmente bom. O segmento tem sido incapaz de sustentar um crescimento vigoroso nas vendas para o exterior. As dificuldades para alavancar o crescimento são, em geral, estruturais, principalmente do lado da oferta, e essas têm impedido que a competitividade do produto nacional se sobressaia mesmo num contexto de câmbio extremamente favorável. Nos dois primeiros meses do ano de 2016, as exportações totais de móveis somaram US\$55 milhões. Praticamente, não houve nenhuma alteração nessas exportações (apenas 2% menores) em relação às que ocorreram nos dois primeiros meses de 2015. Em fevereiro de 2016, essas foram 45% maiores do que as de janeiro desse mesmo ano e 5% menores do que as de fevereiro de 2015 (Quadro 3).

Quadro 3 - Exportações e importações brasileiras totais de móveis de jan. e fev. de 2015 e de jan. e fev. de 2016 (US\$1.000 FOB)

| Meses | Exportações totais | | Variação | Importações totais | | Variação |
|--------------|--------------------|--------|-----------|--------------------|-------|-----------|
| | 2015 | 2016 | 2016/2015 | 2015 | 2016 | 2016-2015 |
| Jan. | 25.064 | 22.527 | -10% | 1.994 | 1.408 | -29% |
| Fev. | 30.901 | 32.562 | 5% | 1.497 | 1.469 | -2% |
| Total | 55.965 | 55.047 | -2% | 3.401 | 2.887 | -15% |

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

Alguns polos moveleiros têm feito esforços para mudar o rumo dos negócios do segmento. Por exemplo, a iniciativa tomada pelo Sindimóveis de Bento Gonçalves de realizar recentemente uma feira de negócios com expectativa de gerar cerca de US\$300 milhões em vendas internas e US\$35 milhões em exportações, num período de 12 meses. Na visão do presidente do Sindimóveis, Henrique Tecchio, acerca da edição do evento: "Existe grande potencial e as exportações brasileiras ainda tem muito espaço para crescer. Além disso, a desvalorização do real em frente ao dólar coloca o Brasil em um momento muito mais competitivo. Por isso, estamos apostando bastante no mercado externo como forma de impulsionar os negócios desta edição". O presidente afirma ainda que: "Em relação à importação mundial de móveis, de um valor de aproximadamente US\$160 bilhões, o Brasil detém menos de 0,5% desse mercado".

Em fevereiro de 2016, as importações totais de móveis foram 2% menores do que às de fevereiro de 2015 e mantiveram, praticamente, os mesmos valores do mês anterior. O câmbio altamente desfavorável à importação deve estar reduzindo o interesse dos consumidores e influenciando a queda nos valores e volumes importados atualmente.

Segmento de Carvão para Siderurgia

O cenário atual não está favorável para a siderurgia nacional e, conseqüentemente, para o mercado de carvão vegetal. A palavra de ordem é prudência, seja na produção, que deve ser conduzida de forma legal e sustentável, seja para investimentos no segmento.

A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad) deflagrou, este mês, a Operação Cavalo de Aço II. A ação visa coibir atividades ilegais relacionadas ao transporte, comércio e armazenamento de produtos e subprodutos florestais, em especial, o carvão vegetal, proveniente de florestas nativas e produzido de maneira irregular.

O mercado nacional de produtos siderúrgicos segue desaquecido. A economia enfraquecida e a crise política continuam a derrubar a intenção de investimento da indústria de transformação.

A desvalorização do real, fruto da crise econômica instalada no país, tem causado resultados no mínimo desanimadores no segmento. As vendas de produtos siderúrgicos no mercado brasileiro tiveram queda de 18,5% apenas no último mês. O consumo aparente nacional, em fevereiro de 2016, foi de 1,4 milhões de toneladas, 27,2% menor que o mesmo período do ano anterior. No acumulado dos dois primeiros meses, o consumo aparente alcançou 2,7 milhões de toneladas, 31,2% menor quando comparado aos mesmos meses de 2015.

Os resultados já demonstram uma tendência apresentada em Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que prevê ociosidade elevada da indústria até fim do ano. Ao analisar as variáveis consultadas para o cálculo do indicador que mede a intenção de investimento nos próximos 12 meses, o que chamou a atenção foi que 80,3% das 670 empresas entrevistadas classificaram o atual ambiente político como fator negativo para decisão de investimento.

A instabilidade política e econômica tem freado a produção. A produção brasileira de aço bruto em fevereiro de 2016 foi de 2,4 milhões de toneladas, queda de 8,7% quando comparada com o mesmo mês em 2015. Em relação aos laminados, a produção de fevereiro, de 1,7 milhão de toneladas, apresentou uma redução de 14,9% quando comparada com fevereiro do ano passado. Com esses resultados, a produção acumulada em 2016 totalizou 4,9 milhões de toneladas de aço bruto e 3,3 milhões de toneladas de laminados, havendo redução de 13,7% e 16,8%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2015.

A explicação para tal cenário é simples: queda nas vendas exigem controle da produção para evitar a formação de grandes estoques que são dinheiro para investimento empatado, quando não geram elevação dos custos.

O mercado externo tem dado vazão à produção nacional, mas a conjuntura desvalorizou nossos produtos. As exportações de produtos siderúrgicos em fevereiro

de 2016 atingiram 1,1 milhão toneladas no valor de US\$369 milhões, representando crescimento de 54,8% em volume e queda de 10,2% em valor, quando comparadas a fevereiro de 2015.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

*** Permitida a reprodução desde que citada a fonte.**